ISSN: 2358-8829

ENTRE GENES E GÊNERO: A BIOLOGIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA DISCUTIR EQUIDADE NO ENSINO MÉDIO

Moniky Mendes Maciel [1]
Márcia dos Anjos Gomes [2]
Rogenia Maciel Lins Mendes [3]
Renata Luiz Mendes [4]
George Dias Alves [5]

INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero quase nunca entram na sala de aula anunciadas pelo nome. Chegam como brincadeira, como costume, como "sempre foi assim": a menina que desiste da quadra porque ali seria lugar de menino, o garoto que vira piada por dizer que gosta de cozinhar, o comentário sobre a roupa de uma colega que ninguém repreende. Quando ninguém as discute, elas se repetem até parecerem naturais.

Foi dessa inquietação que nasceu o projeto "Entre genes e gênero: a escola como espaço de equidade", desenvolvido na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Médio Francisco Augusto Campos, em Nazarezinho-PB, unidade vinculada à 10ª Gerência Regional de Ensino. A escola funciona há 45 anos e atende 230 estudantes entre 15 e 18 anos, a maior parte moradora da zona rural e de famílias de baixa renda. A estrutura física é limitada: as salas não são climatizadas, não há auditório nem refeitório e os banheiros são insuficientes para o número de alunos. Por causa do calor, a escola adotou o ensino híbrido em parte do calendário.

Os indicadores de aprendizagem também pedem atenção. Em 2023, a escola alcançou IDEB de 4,4 e, na avaliação do SIAVE, registrou média de 54% em Língua

[1] Mestranda pelo Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, moniky.mendesmaciel@gmail.com;
[2] Graduada pelo Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, marciadosanjosg@gmail.com;
[3] Mestra em Linguagem pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rogenia.ml2@gmail.com;
[4] Graduada pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, renataluiz029@gmail.com;
[5] Mestre do Curso de Física da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, georgedias86@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Portuguesa e de apenas 20% em Matemática, apesar de a frequência ter chegado a 100%. Somam-se a isso relatos frequentes de desmotivação e ansiedade entre os estudantes.

A Biologia foi escolhida como porta de entrada por uma razão concreta. Ela costuma ser o componente curricular convocado para justificar desigualdades: quando se estuda o corpo, a reprodução ou a herança genética, diferenças anatômicas e cromossômicas acabam usadas para explicar papéis sociais, como se cuidar da casa ou escolher uma profissão estivesse escrito nos genes. O projeto partiu da posição contrária, usando o próprio conhecimento biológico para ajudar os estudantes a distinguir o que pertence ao corpo do que foi construído pela história e pela cultura (Fausto-Sterling, 2002; Louro, 1997).

Este trabalho tem como objetivo relatar e analisar essa experiência, cuja proposta foi valorizar a diversidade de gênero no ambiente escolar, discutir desigualdades históricas que atingem sobretudo as mulheres e enfrentar estereótipos e práticas discriminatórias, em diálogo entre Biologia, Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física. De modo específico, buscou-se identificar o que os estudantes sabiam sobre equidade de gênero antes da intervenção, desenvolver atividades que unissem conteúdo científico, leitura, escrita e análise de dados ao debate sobre gênero e conhecer as percepções da turma ao final do percurso.

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, organizado em quatro eixos e acompanhado por questionários, fichas avaliativas, produções dos estudantes e anotações da professora. No início, quase todos desconheciam o conceito de equidade de gênero; ao final, mais de 95% relataram avanços na compreensão do tema, embora mudanças de atitude mais profundas tenham sido alcançadas apenas em parte.

REFERENCIAL TEÓRICO

Joan Scott (1995) propõe compreender o gênero como uma categoria de análise histórica, isto é, como um elemento que organiza as relações sociais a partir das diferenças percebidas entre os sexos e, ao mesmo tempo, como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Para a escola, a principal contribuição dessa leitura é mudar a pergunta. Em vez de indagar o que homens e mulheres “são”, passa-se a perguntar como certas diferenças foram convertidas em hierarquia e por que continuam a ser reproduzidas.

Guacira Lopes Louro (1997) mostra que a escola participa desse processo de maneira ativa. Ao organizar filas, distribuir tarefas, elogiar certos comportamentos e silenciar outros, a instituição ensina, muitas vezes sem perceber, modos considerados adequados de ser menino e de ser menina. Para a autora, esse aprendizado passa menos pelos conteúdos formais do que pelos gestos, pela ocupação dos espaços e pela linguagem do dia a dia.

No campo da Biologia, Fausto-Sterling (2002) critica a separação rígida entre natureza e cultura que sustenta boa parte das explicações sobre a diferença sexual. A autora argumenta que o corpo também é moldado pelas experiências sociais e que a própria ciência, ao classificar e nomear, carrega valores de seu tempo. Levar essa discussão ao ensino médio não significa negar diferenças biológicas, e sim evitar que elas sirvam de justificativa para desigualdades de oportunidade. Esse foi o fio condutor do projeto: estudar sistema genital, genética e saúde da mulher com rigor e, a partir daí, perguntar o que a Biologia explica e o que ela não explica.

O tema também tem respaldo legal e curricular. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para a cidadania como finalidades da educação (Brasil, 1996). A Lei nº 14.164/2021 alterou a LDB para incluir conteúdos sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica e instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, no mês de março (Brasil, 2021). A Lei nº 14.448/2022, por sua vez, estabeleceu o Agosto Lilás como mês de conscientização pelo fim da violência contra a mulher (Brasil, 2022). A BNCC inclui entre as competências gerais o exercício da empatia, do diálogo e do respeito ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018), e o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 da Agenda 2030 propõe alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015).

Quanto ao modo de conduzir as atividades, o projeto se apoiou em Paulo Freire (1996), para quem ensinar exige escuta, respeito aos saberes dos educandos e abertura ao diálogo. Também orientou o trabalho a perspectiva das metodologias ativas, que colocam o estudante no centro do processo e valorizam a autoria, a colaboração e o enfrentamento de problemas reais (Bacich; Moran, 2018).

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Este estudo é um relato de experiência de natureza qualitativa. Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa em educação toma o ambiente natural como fonte direta dos dados e tem o pesquisador como seu principal instrumento, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto. Neste caso, a autora foi ao mesmo tempo proponente do projeto e professora das turmas. Essa proximidade permitiu acompanhar de perto as reações dos estudantes, mas exige reconhecer que a leitura dos resultados não é distanciada.

O projeto foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2025 com estudantes das turmas de 3ª séries, num total de 60 participantes. As atividades aconteceram nas aulas de Biologia e em momentos compartilhados com Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física. Parte dos encontros ocorreu de forma remota, por causa do ensino híbrido. A Secretaria Municipal de Saúde de Nazarezinho e profissionais convidados participaram como parceiros. As ações foram organizadas em quatro eixos, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Eixos e ações do projeto “Entre genes e gênero”

Eixo	**Ações desenvolvidas**	**Componentes e parceiros**	**Registros e avaliação**
1. Sensibilização	Roda de conversa inicial; Cinereflexão com os filmes Estrelas Além do Tempo e Moxie: Quando as Garotas Vão à Luta; palestras sobre saúde da mulher, IST, gravidez na adolescência e violência contra a mulher; práticas corporais	Biologia, Educação Física, Língua Portuguesa; Secretaria Municipal de Saúde	Questionário prévio; textos críticos sobre os filmes; observação
2. Produção do conhecimento	Leitura de textos sobre gênero e genética; redação dissertativo-argumentativa; poemas, cartas e linha do tempo; gráficos e tabelas a partir de dados reais; Mandala das Emoções	Língua Portuguesa, Matemática, Biologia	Redações; ficha avaliativa; produções escritas
3. Produção criativa	Cartazes sobre o sistema genital feminino; Guia da Adolescência; mural Mulheres que Inspiram; entrevistas; curtas-metragens; seminário; Mapa da Equidade	Biologia, Língua Portuguesa, Arte	Apresentações orais; produtos audiovisuais e visuais
4. Socialização	Exposição na II EXPOPEX, com estudantes atuando como monitores	Comunidade escolar	Questionário pós-projeto

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Foram usados quatro instrumentos de coleta. O questionário prévio, com dez questões fechadas, investigou o conhecimento dos estudantes sobre equidade de gênero, a Agenda 2030 e o ODS 5, além de sua percepção sobre oportunidades e liberdade de

expressão na escola. O questionário pós-projeto foi dividido em três partes: compreensão do tema, reflexão sobre as atividades e um espaço aberto para opinião. Nas atividades com dados, uma ficha avaliativa reuniu critérios individuais e de grupo, com nota de zero a dez. Registros fotográficos e anotações da professora acompanharam todas as etapas.

As respostas fechadas foram tratadas por meio de percentuais simples. As respostas abertas e as produções dos estudantes passaram por leitura interpretativa, com atenção aos temas que se repetiam. Os nomes dos participantes foram omitidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ponto de partida

Na roda de conversa inicial e no questionário prévio, cerca de 98% dos estudantes afirmaram não saber o que era equidade de gênero ou já ter ouvido o termo sem entender seu significado. O assunto fazia parte do cotidiano deles, mas ainda sem nome. Quando a conversa avançou para as diferenças de direitos entre homens e mulheres ao longo da história, o clima da sala mudou. Surgiram perguntas, espanto e, sobretudo entre as meninas, indignação diante de tanta desigualdade.

O Cinereflexão aprofundou esse primeiro contato. Entre os filmes apresentados, os estudantes escolheram *Estrelas Além do Tempo*, que conta a história real de matemáticas negras da NASA que enfrentaram o racismo e o sexismo durante a corrida espacial, e *Moxie: Quando as Garotas Vão à Luta*, em que estudantes inspiradas por um fanzine feminista se organizam contra o machismo na escola. As sessões aconteceram em parte nos encontros on-line. O que mais chamou a atenção da turma foi perceber que situações mostradas nas telas tinham base em fatos. Nos debates e nos textos críticos, apareceram falas de empatia e comparações com a própria escola.

ISSN: 2358-8829

Figura 1 – Roda de conversa inicial e sessões do Cinereflexão



Fonte: Acervo da autora (2025).

Ao observar a desigualdade em outro tempo e lugar, os estudantes a reconheceram com menos resistência e só depois voltaram o olhar para a própria escola. Esse estranhamento do que parece natural é o que Louro (1997) aponta como condição para que a escola deixe de reproduzir hierarquias sem percebê-las.

Saúde, corpo e violência: o diálogo com profissionais

A parceria com a Secretaria Municipal de Saúde trouxe para o projeto conhecimentos que a escola sozinha não teria como oferecer. No Março Lilás, o médico ginecologista e obstetra Dr. Guilherme Vieira falou sobre o câncer do colo do útero e a importância do autocuidado. Como o evento aconteceu à noite e na zona rural, poucos estudantes conseguiram ir, por falta de transporte. A solução veio deles mesmos: quem esteve presente repassou as informações para toda a escola durante o acolhimento diário. O que poderia ter sido apenas uma ausência virou um momento de protagonismo, com jovens explicando aos colegas o que tinham aprendido.

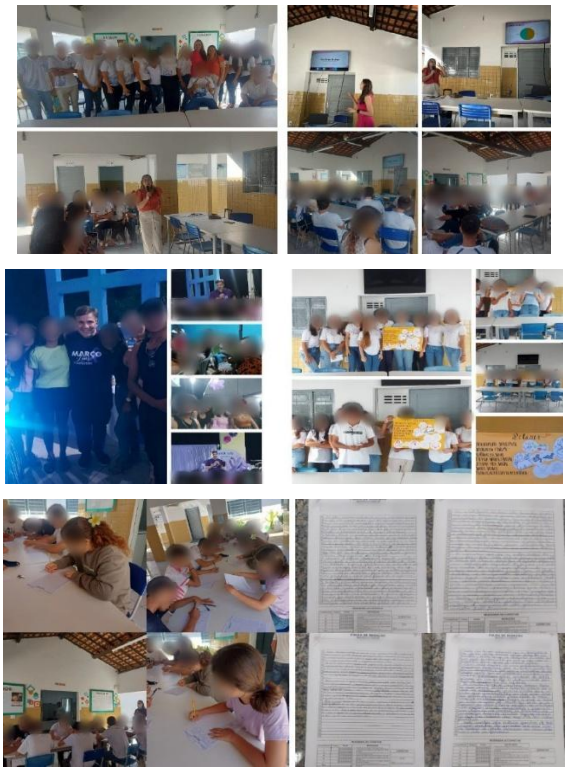
Ainda com a Secretaria de Saúde, a palestrante Maria do Socorro Sarmento Marques abordou a gravidez na adolescência, os métodos contraceptivos, as infecções sexualmente transmissíveis e o cuidado físico e emocional. As perguntas foram constantes. Em agosto, dentro da programação do Agosto Lilás, a professora universitária e integrante da OAB Gerlania Medeiros conduziu uma roda de conversa sobre igualdade

de gênero e violência contra a mulher, tratando de relacionamentos abusivos, ciclo da violência, feminicídio e da forma como a mídia retrata as mulheres.

Nas duas palestras, todos os estudantes estiveram presentes. Muitos fizeram perguntas e alguns contaram situações vividas por familiares, amigas ou por eles próprios. Esse dado precisa ser lido com cuidado. Ele confirma que a violência de gênero não é um assunto distante para esses jovens e reforça a pertinência do que prevê a Lei nº 14.164/2021. Ao mesmo tempo, lembra que a escola que abre esse tipo de conversa precisa estar preparada para acolher relatos difíceis e saber a quem encaminhá-los.

O corpo também foi tratado na Educação Física. Com o professor Diógenes de Lima, os estudantes participaram de práticas esportivas e de exercícios em que meninos e meninas ocupavam os mesmos espaços e funções. A conversa sobre quem "pode" jogar o quê ajudou a desmontar estereótipos ligados ao esporte.

Figura 2 – Palestras com profissionais parceiros e práticas corporais



Fonte: Acervo da autora (2025).

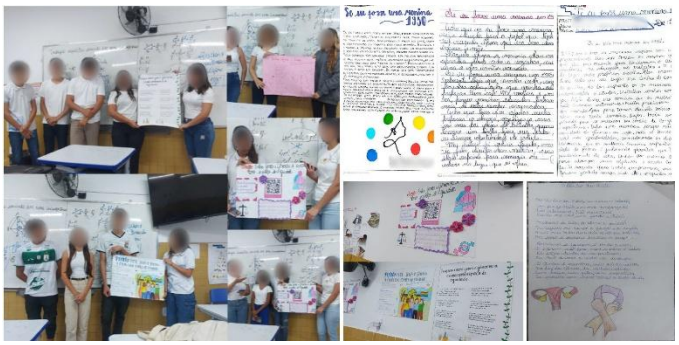
Leitura, escrita e números: o tema dentro dos componentes curriculares

No segundo eixo, o debate sobre gênero entrou nas habilidades básicas de leitura, escrita e Matemática. Depois da leitura e discussão de textos sobre gênero e genética, os

estudantes escreveram uma redação dissertativo-argumentativa no modelo do ENEM, com o tema “Como as construções sociais de gênero influenciam comportamentos, oportunidades e desigualdades”. Participaram 90% da turma. Os outros 10% se recusaram a escrever, o que também é um resultado. A recusa sugere que, para parte dos estudantes, o tema ainda provoca desconforto, ou que a escrita longa continua sendo uma barreira, hipótese compatível com os indicadores de Língua Portuguesa da escola.

As produções de caráter mais livre tiveram adesão total. Os poemas trataram da equidade de gênero com sensibilidade e autoria. Nas cartas com o tema “Se eu fosse uma menina em 1950…”, os estudantes imaginaram como seriam suas vidas naquela época. Uma das cartas descreve uma menina educada desde cedo para cuidar da casa e servir à família, com poucas chances de estudar. A linha do tempo das conquistas das mulheres completou essa atividade e ajudou a turma a perceber que direitos hoje considerados óbvios são recentes e foram conquistados com luta.

Figura 3 – Redações, poemas, cartas e linha do tempo produzidos pelos estudantes



Fonte: Acervo da autora (2025).

Na Matemática, os estudantes leram artigos científicos e reportagens com dados sobre desigualdade de gênero, selecionaram as informações mais relevantes e as organizaram em gráficos e tabelas, que depois apresentaram à turma. A atividade mobilizou habilidades como a leitura crítica de gráficos divulgados pela mídia e a construção e interpretação de tabelas e gráficos de frequência (EM13MAT102 e EM13MAT406). Todos os estudantes participaram e foram avaliados pela ficha descrita na metodologia.

Em uma escola com média de 20% em Matemática no SIAVE, trabalhar estatística a partir de um assunto que mobiliza os estudantes faz diferença. É preciso registrar, porém, que o projeto não mediu a proficiência antes e depois da intervenção. A

contribuição para a recomposição das aprendizagens aparece aqui como indício observado em sala, e não como resultado medido.

Figura 4 – Elaboração e apresentação dos gráficos



Fonte: Acervo da autora (2025).

A última atividade desse eixo voltou-se para as emoções. Na Mandala das Emoções, cada estudante associou sentimentos a situações de desigualdade. Diante da cena de uma aluna julgada pela roupa que usa, a turma registrou raiva, ansiedade e vulnerabilidade. Para a situação de uma garota responsabilizada pelo comportamento agressivo de um colega, muitos marcaram injustiça, medo e confusão. Dar nome ao que se sente diante dessas situações foi um passo importante, sobretudo em uma escola onde a ansiedade já vinha sendo relatada pelos próprios estudantes.

Autoria e protagonismo: a produção criativa

O terceiro eixo começou pelo corpo. Depois de uma aula dialogada sobre o sistema genital feminino, os estudantes, meninos e meninas, produziram em grupos cartazes com os órgãos, suas funções, o local da fecundação e o funcionamento do ciclo menstrual, e apresentaram o material à turma. Em seguida, um encontro dedicado à saúde emocional na adolescência resultou no Guia da Adolescência, com orientações sobre autoestima, aceitação e pressões sociais escritas pelos próprios estudantes.

O mural Mulheres que Inspiram foi um dos momentos mais marcantes do projeto. Cada estudante levou a foto de uma mulher importante em sua vida e escreveu uma mensagem sobre ela. A maioria escolheu a própria mãe. Ao apresentar o mural, muitos contaram histórias de família, e a aula terminou com estudantes e professora emocionados. A atividade deslocou a discussão das grandes personagens históricas para

as mulheres que eles conhecem de perto, cujas trajetórias também são marcadas pela desigualdade.

Figura 5 – Cartazes sobre o sistema genital feminino, Guia da Adolescência e mural Mulheres que Inspiram



Fonte: Acervo da autora (2025).

As produções audiovisuais foram as que mais animaram a turma. Nas entrevistas com o tema “Equidade de gênero: vamos falar sobre isso?”, os estudantes ouviram donas de casa, uma gestora, professoras, uma manicure, uma cabeleireira, estudantes e também alguns colegas do sexo masculino. Todas as mulheres entrevistadas relataram ter vivido alguma situação de desigualdade e todas defenderam que o tema seja discutido na escola. Nos curtas-metragens, os grupos recriaram situações sobre violência doméstica, a ideia de que tarefas de casa e cuidado dos filhos são “coisa de mulher” e a desigualdade salarial. Roteiro, filmagem e edição ficaram a cargo dos próprios estudantes. Na exibição houve muitas risadas, e o humor virou um caminho para tratar de assuntos pesados.

No seminário sobre mulheres que transformaram a sociedade, cada grupo pesquisou a trajetória de uma cientista, educadora, líder política, artista ou ativista, como Malala Yousafzai e Maria Quitéria. Por fim, no Mapa da Equidade, a turma identificou barreiras à equidade dentro da própria escola, como interrupções de fala, divisão desigual de tarefas, comentários machistas e separação estereotipada de espaços, e propôs mudanças, entre elas campanhas de conscientização, espaços seguros de escuta e maior

participação das meninas em funções de liderança. Foi nessa etapa que o ODS 5 deixou de ser uma sigla e passou a se referir a situações concretas do cotidiano escolar.

Figura 6 – Entrevistas, curtas-metragens, seminário e Mapa da Equidade



Fonte: Acervo da autora (2025).

Socialização e percepções dos estudantes

O projeto foi apresentado à comunidade na II EXPOPEX: saberes que conectam e sustentam o futuro, exposição de práticas desenvolvidas na escola durante o ano letivo. Os trabalhos foram reunidos em um espaço próprio, e os estudantes atuaram como monitores, explicando aos visitantes o que tinham produzido e o que haviam aprendido.

No questionário pós-projeto, mais de 95% dos estudantes indicaram avanços na compreensão da equidade de gênero e na capacidade de reconhecer situações de desigualdade. A maioria afirmou ter se sentido à vontade para participar e expressar opiniões, disse compreender melhor o ODS 5 e conseguiu relacionar conteúdos de Biologia às questões sociais discutidas. As respostas abertas ajudam a entender esses números. Uma estudante escreveu que equidade “não é querer ser melhor ou maior que o outro, é garantir os mesmos direitos e espaço na sociedade”. Outra destacou ter aprendido a importância do respeito e da empatia como base para relações mais justas. Quando perguntados sobre o que poderia melhorar, os estudantes pediram mais tempo para o projeto e mais espaço para trocar opiniões entre si.

ISSN: 2358-8829

Os registros da escola indicam ainda aumento das notas em Biologia e da frequência entre os participantes. O dado é animador, mas deve ser lido com prudência. Não houve grupo de comparação, e outros fatores ao longo do ano podem ter influenciado esses resultados. Pode-se afirmar com mais segurança que o envolvimento foi alto e constante, o que já tem valor numa escola marcada pela desmotivação.

Figura 7 – Culminância do projeto na II EXPOPEX



Fonte: Acervo da autora (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostrou que é possível tratar de equidade de gênero no ensino médio sem abandonar o conteúdo curricular. Ao contrário, os conteúdos de Biologia, Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física ganharam sentido quando passaram a responder a perguntas que os estudantes reconheciam como suas. Partir de quase nenhum conhecimento sobre o conceito e chegar a uma turma capaz de identificar desigualdades na própria escola e propor mudanças é o principal resultado do projeto.

Alguns objetivos, no entanto, foram atingidos apenas em parte. Mudar atitudes enraizadas, muitas delas aprendidas em casa e na comunidade, exige mais tempo do que um ano letivo. A resistência inicial de alguns estudantes, as diferenças de maturidade dentro das turmas e o pouco tempo para aprofundar certas discussões foram dificuldades reais. Há também limites próprios deste estudo: ele se refere a uma única escola, baseia-se em grande parte na autoavaliação dos estudantes e foi conduzido pela mesma professora que avaliou os resultados.

Para a continuidade, parece necessário trazer as famílias para a conversa, ampliar as parcerias com outras áreas e instituições e abordar temas que surgiram ao longo do percurso, como desigualdade no mercado de trabalho, mulheres na ciência, redes de apoio às vítimas de violência e participação feminina em espaços de decisão. Estudos futuros poderiam acompanhar os estudantes por mais tempo e medir de forma mais precisa os efeitos dessas ações sobre o desempenho escolar.

Os estudantes pediram que o projeto fosse mais longo. Talvez essa seja a avaliação mais sincera do que foi vivido: o tema deixou de ser estranho para eles e passou a ser algo sobre o qual querem continuar falando.

Palavras-chave: Equidade de gênero; Ensino de Biologia; Interdisciplinaridade; Protagonismo juvenil; ODS 5.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 27 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14164.htm. Acesso em: 27 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.448, de 9 de setembro de 2022. Institui, em âmbito nacional, o Agosto Lilás como mês de proteção à mulher, destinado à conscientização para o fim da violência contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14448.htm. Acesso em: 27 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5**: igualdade de gênero. Agenda 2030. 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5. Acesso em: 24 jul. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.